

Racismo na sociedade portuguesa contemporânea: “flagrante” ou “subtil”?¹

João Filipe Marques

Faculdade de Economia da Universidade do Algarve

Palavras-chave: Racismo, Racismo Flagrante, Racismo Subtil, Imigração, Portugal, Minorias Étnicas.

Nos últimos trinta anos, a sociedade portuguesa sofreu profundas transformações. Entre muitas outras, destaca-se o facto de se ter tornado na sociedade de acolhimento para muitos imigrantes que transportam consigo as suas características culturais e identitárias, bem como os seus traços fenotípicos. Nas relações entre os portugueses e as colectividades históricas presentes no território, o racismo nem sempre está ausente. Esta comunicação procura precisamente fornecer algumas pistas para a compreensão dos fenómenos de carácter racista que são actualmente observáveis na sociedade portuguesa.

A metodologia desta pesquisa utilizou as entrevistas não-directivas ou semi-directivas aos actores sociais que, dum forma ou de outra estavam mais próximos do racismo “vivido” em Portugal. As conclusões que aqui são apresentadas resultam portanto da análise de um conjunto de entrevistas feitas a dirigentes das principais associações de imigrantes, das associações ciganas, das ONGs de combate ao racismo e de defesa dos direitos humanos, aos representantes das principais uniões sindicais, aos responsáveis políticos pela integração dos imigrantes e das minorias étnicas e a cidadãos anónimos nacionais e estrangeiros.

Uma das mais importantes pesquisas empíricas inteiramente consagradas ao racismo na sociedade portuguesa contemporânea teve como quadro teórico de base o modelo psicossociológico de Petigrew e Meertens que introduz a distinção entre “racismo flagrante” e “racismo subtil”. Trata-se da investigação levada a cabo por Jorge Vala e pelos seus colaboradores². O modelo utilizado pela pesquisa mencionada parte da hipótese segundo a qual o pensamento do senso comum teria acompanhado as mutações observadas nos domínios científico e político e teria substituído as explicações biológicas do comportamento pelas explicações culturais. Uma das expressões desses “novo racismo” seria precisamente o deslocamento do tema das hierarquias raciais para o tema da absolutização das diferenças culturais, aparecendo este último sob a forma “velada” ou “subtil”. Segundo as conclusões da investigação referida, os preconceitos racistas dos “portugueses relativamente aos negros” obedecem aos mesmos esquemas encontrados noutras sociedades “formalmente anti-racistas”.

¹ Esta comunicação retoma algumas ideias desenvolvidas na tese de doutoramento intitulada: *Je ne suis pas Raciste mais... Du «non-racisme» portugais aux deux racismes des Portugais* (Paris, EHESS, 2004). A pesquisa que lhe deu origem beneficiou de uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Fundo Social Europeu no quadro do IIIº Quadro Comunitário de Apoio.

² J. Vala, R. Brito, D. Lopes, *Expressões do Racismo em Portugal*, Lisboa, ICS, 1998; J. Vala (Org.), *Novos Racismos. Perspectivas Comparativas*, Oeiras, Celta. 1999.

Isto é, a forma mais explícita e biologizante do racismo, o “racismo flagrante” teria sido substituída, em Portugal, por um “racismo subtil”, mais normativo e de contornos culturalistas. Ora a pesquisa que aqui apresentamos obriga-nos a relativizar o alcance destes enunciados, ao demonstrar que há muito pouco de “subtil” em muitas manifestações de racismo que são observáveis na sociedade portuguesa. A própria insistência científica no paradigma do “racismo subtil” tem como “efeito perverso” a ocultação das manifestações mais “flagrantes” do fenómeno. O sociólogo pode com toda a legitimidade interrogar-se sobre o sentido da evacuação das características sociais e históricas na produção e reprodução dos preconceitos raciais e do racismo. Não se trata de afirmar que as atitudes de racismo subtil, tal como elas são medidas pelos psicólogos sociais, não existam, trata-se de defender que estas não substituíram completamente os comportamentos de “racismo flagrante”. Por um lado, os ciganos são actualmente alvos de um racismo “flagrante” de características “diferencialistas” que se concretiza na sua violenta rejeição e afastamento. São a segregação e o desejo de expulsão desta comunidade que são preponderantes. Por outro lado, os imigrantes e os seus descendentes são sobretudo alvo de um racismo “desigualitário”, claramente urbano, mas em todo o caso subsidiário dos preconceitos biologizantes herdados do passado colonial. Neste caso, são a inferiorização e a discriminação em múltiplos domínios da vida social, eventualmente também a violência verbal, que constituem as principais manifestações desta forma de racismo.

Dans les trente dernières années, la société portugaise a subi de très importantes et profondes mutations. Entre beaucoup d'autres, elle est devenue, pour la première fois dans son passé récent, une société d'accueil pour beaucoup d'immigrés qui transportent avec eux à la fois leurs traits culturels et leurs signes phénotypiques. Cependant, les manifestations de racisme ne sont pas absentes des relations entre les Portugais et les différentes collectivités historiques présentes sur le territoire national. Tout au contraire, cette recherche a pu conclure qu'au Portugal, des comportements racistes dans leur version la plus flagrante, font partie de la vie quotidienne de beaucoup de gens. Quoique demeurant nettement au niveau « infrapolitique », le racisme existe bel et bien dans la société portugaise.

Les résultats présentés ci-dessous relèvent de l'interprétation et de l'analyse des transcriptions des interviews de dirigeants d'associations d'immigrés, d'associations de Tsiganes, d'ONGs de défense des droits humains et d'associations de lutte contre le racisme, de responsables politiques nationaux et locaux pour l'immigration et les minorités ethniques, de syndicalistes et d'individus anonymes étrangers ou nationaux.

Une des plus importantes recherches empiriques entièrement consacrées au racisme dans la société portugaise a eu un cadre théorique de base inspiré en plusieurs modèles provenant de la psychologie sociale en particulier le modèle psychosociologique de Petigrew et. Il s'agit du travail de Vala et de ses collaborateurs³. Ce modèle part de l'hypothèse selon laquelle la pensée du sens commun aurait accompagné l'évolution observée dans les domaines scientifique et politique et aurait, elle aussi, substitué les explications biologiques du comportement humain par les explications culturelles. Une des expressions de ces « nouveaux » racismes serait justement le déplacement du thème des hiérarchies raciales vers le thème de l'absolutisation des différences culturelles, ce dernier apparaissant sous une forme « voilée ». C'est-à-dire, le racisme

³ J. Vala, R. Brito, D. Lopes, Expressões do Racismo em Portugal, Lisboa, ICS, 1998; J. Vala (Org.), Novos Racismos. Perspectivas Comparativas, Oeiras, Celta. 1999.

« flagrant », la forme plus directe et biologisante du racisme, aurait été, au Portugal, substitué par un « racisme voilé », « plus normatif » et aux contours culturalistes.

Toutefois, on doit s'interroger sur le sens de la complète substitution du « racisme flagrant » par le « racisme voilé ». Il y a beaucoup d'évidences qui nous obligent à relativiser cette affirmation : notre propre recherche démontre qu'il y a très peu de « voilé » dans beaucoup des manifestations de racisme qui sont actuellement observables dans la société portugaise. Cet accent qui est mis, actuellement, sur les expressions voilées du racisme peut même avoir des effets pratiques et théoriques pervers : Si l'on emphatise les expressions « voilées » du racisme contemporain, on finit par oublier ses manifestations plus « flagrantes », et ce sont justement celles-ci qu'on peut saisir à travers le discours des victimes et de ceux qui travaillent de près avec elles. D'une part, les Tsiganes se voient comme cibles d'un racisme aux contours différentialistes, essentiellement rural, qui se concrétise dans un violent rejet de la part des villageois. C'est la ségrégation, le désir d'éloignement et les conduites d'écartement qui y sont prépondérants. D'autre part, les populations issues de l'immigration africaine sont plutôt cibles d'un racisme de type inégalitaire nettement urbain, explicite ou implicite, mais en tout cas hérité des représentations coloniales du « Noir » africain. Dans ce dernier cas, ce sont l'infériorisation et la discrimination, éventuellement la violence verbale ou l'harcèlement, qui constituent les principales manifestations de cette forme de racisme.

1. As «lógicas» do racismo; uma análise tipológica

Nos últimos trinta anos, a sociedade portuguesa sofreu profundas transformações. Entre muitas outras, destaca-se o facto de se ter tornado na sociedade de acolhimento para muitos imigrantes que transportam consigo as suas características culturais e identitárias, bem como os seus traços fenotípicos. Nas relações entre os portugueses e as minorias étnicas presentes no território, o racismo nem sempre está ausente. Esta comunicação procura precisamente fornecer algumas pistas para a compreensão dos fenómenos de carácter racista que são actualmente observáveis na sociedade portuguesa.

A minha filiação intelectual bem como o meu posicionamento epistemológico colocam inequivocamente o meu trabalho no interior daquilo que tem vindo a ser designado por “Sociologia Compreensiva”. A Sociologia Compreensiva caracteriza-se pela utilização de uma ferramenta intelectual conhecida por análise tipológica ou análise por tipos-ideais. Os tipos-ideais são, como se sabe, construções abstractas elaboradas a partir da selecção de determinados traços ou características da realidade social e têm como objectivo, precisamente, fornecer uma mais-valia de inteligibilidade a essa mesma realidade. Um dos modos de conferir inteligibilidade aos fenómenos racistas começa por distinguir os dois tipos-ideais do racismo; ou seja, por distinguir de um ponto de vista idealtípico as duas lógicas às quais o racismo obedece: o racismo desigualitário ou de inferiorização e o racismo diferencialista.⁴

Trata-se, no fundo, da distinção entre duas lógicas que os cientistas sociais já conhecem há algum tempo: a lógica da *desigualdade*, que remete para as formas de dominação e para o diferencial de recursos e de poder que existem dentro de um mesmo sistema socio-cultural; e a lógica da *diferença* que apela para a ideia de incompatibilidade entre sistemas socio-culturais percebidos como distintos na sua *essência*.

⁴ Cf. J. F. Marques, «O Neo-Racismo Europeu e as Responsabilidades da Antropologia», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 56, Fevereiro 2000 (35-60).

A lógica da desigualdade origina então o *racismo desigualitário*; uma forma de racização que admite aos grupos vítimas um lugar na sociedade, na condição de estes ocuparem os lugares mais desvalorizados, de serem, eventualmente, explorados e de se manterem relativamente «pouco visíveis». O racismo desigualitário atenta aos princípios da cidadania uma vez que se concretiza no tratamento diferenciado de determinados indivíduos ou grupos considerados como *inferiores*, isto é, conduz à *discriminação*.

A lógica da diferença, por seu turno, não concede aos grupos percebidos como diferentes qualquer lugar na sociedade; pelo contrário, consiste na sua pura e simples rejeição e *segregação* ou, no limite, na sua exterminação ou destruição. A universalidade da cidadania nem sequer faz sentido aqui. O racismo diferencialista concretiza-se na expulsão da vida colectiva das categorias de indivíduos que são consideradas como absolutamente diferentes, logo, como «corpos estranhos» e por isso incompatíveis, ameaçadores ou poluentes.

Exemplos históricos extremos destas duas formas de racismo são fornecidos pela discriminação dos grupos dominados durante a exploração colonial - para o racismo desigualitário; e pela «solução final» do anti-semitismo nazi - para o racismo diferencialista. Todavia, é indispensável sublinhar que as manifestações concretas de racismo associam sempre, em maior ou em menor grau, estas duas lógicas, definido-se, antes, pela sua complementaridade.

2. Racismo «flagrante» e racismo «subtil»

Uma das mais importantes pesquisas empíricas inteiramente consagradas ao racismo na sociedade portuguesa contemporânea foi investigação relativamente recente levada a cabo por Jorge Vala e pelos seus colaboradores.⁵ Esta pesquisa, conduzida junto de uma amostra representativa da população de Lisboa e conselhos limítrofes, teve um quadro teórico de base inspirado em diversos modelos provenientes da

⁵ J. Vala, R. Brito, D. Lopes, *Expressões do Racismo em Portugal*, Lisboa, ICS, 1998; J. Vala (Org.), *Novos Racismos. Perspectivas Comparativas*, Oeiras, Celta, 1999.

Psicologia Social, com especial destaque para o conhecido modelo psicosociológico de Thomas F. Pettigrew e R. W. Meertens.

Segundo este modelo, depois da Segunda Guerra Mundial, ter-se-ia desenvolvido, nas sociedades ocidentais, uma norma social contrária às crenças e aos comportamentos racistas tradicionais. O objecto desta nova norma «anti-racista» é constituído, precisamente, pelas expressões tradicionais do racismo. Contudo, a adesão dos indivíduos a esta norma pode variar segundo os diversos processos de influência social: ela pode ser rejeitada (como nova norma), pode ser apenas aceite ou pode ainda ser completamente internalizada. Desta forma, os indivíduos que a rejeitam são aqueles que exprimem pública e abertamente crenças racistas; as suas respostas aos inquéritos de opinião são claramente anti-normativas. Os indivíduos que apenas aceitaram a norma, por seu turno, não exprimido o racismo tradicional, podem exprimir atitudes e crenças ainda próximas do racismo. Por último, os indivíduos que internalizaram a nova norma «anti-racista» fizeram-no num quadro de valores «igualitários» mais gerais e têm tendência para rejeitar quer o racismo «clássico» quer as suas «novas expressões».

É no quadro das hipóteses expostas, que Pettigrew e Meertens propuseram os conceitos de «racismo flagrante» (claramente anti-normativo), «racismo subtil» (aceitação da norma acompanhada por atitudes racistas não censuradas por essa norma) e «igualitarismo» (internalização da norma e dos valores igualitários que implicam a rejeição de ambas as formas de racismo). Segundo os autores do modelo,

De um ponto de vista psicosociológico, definimos o racismo como um conjunto de crenças que justificam a discriminação em termos de uma suposta inferioridade racial. O racismo flagrante e o racismo subtil são duas formas contrastantes da expressão do mesmo fenómeno central. O racismo flagrante é violento, estrito e directo. O racismo subtil é frio, reservado e indirecto⁶.

⁶ T. F. Pettigrew, R. W. Meertens, «Le racisme voilé : dimensions et mesure », in M. Wieviorka (dir.), *Racisme et modernité*, Paris, La découverte, 1993, p. 110.

O racismo «flagrante» integra duas dimensões: a rejeição do «exo-grupo» e a percepção de ameaça. O racismo subtil integra três dimensões: a percepção segundo a qual o «exo-grupo» não se conforma aos valores do «endo-grupo» (sobretudo os valores do trabalho e do sucesso), a acentuação das diferenças culturais entre os grupos e, finalmente, a incapacidade para exprimir emoções positivas relativamente aos membros do «exo-grupo».

O modelo utilizado por Jorge Vala e os seus colaboradores na análise do racismo da sociedade portuguesa parte precisamente da hipótese segundo a qual o pensamento do senso comum teria acompanhado as mutações observadas nos domínios científico e político e teria substituído as explicações biológicas do comportamento pelas explicações culturais. Uma das expressões desse «novo racismo» seria precisamente o deslocamento do tema das hierarquias raciais para o tema da absolutização das diferenças culturais, aparecendo este último sob a forma «subtil». O racismo exprimir-se-ia, em Portugal através de crenças socialmente aceites que consistem numa acentuação das diferenças culturais entre «brancos» e «negros» e na ideia segundo a qual os «negros» não partilham os valores necessários à adaptação à cultura dominante. Estas crenças seriam acompanhadas pela incapacidade em exprimir emoções positivas relativamente aos indivíduos categorizados como «negros».

Segundo as conclusões da investigação referida, os preconceitos racistas dos «portugueses relativamente aos negros» obedecem aos mesmos esquemas encontrados noutras sociedades «formalmente anti-racistas». Os resultados obtidos para a amostra nacional não diferem substancialmente dos que foram obtidos noutros contextos europeus. Isto é, no domínio das atitudes, o «racismo flagrante», a forma mais explícita e biologizante do racismo, teria sido substituída, por um «racismo subtil», mais normativo e de contornos culturalistas; isto em Portugal como em todas as outras sociedades que foram estudadas através do mesmo quadro teórico: Reino Unido, Holanda, França e Alemanha.

Ora o modelo teórico proposto por Pettigrew e Meertens e seguido por Vala, Brito e Lopes não está - como nenhuma outra abordagem científica - ao abrigo da crítica.

Em primeiro lugar devemos sublinhar que toda a teorização da Psicologia Social acerca da substituição do racismo «flagrante» pelo racismo «subtil» se refere ao domínio das atitudes e das representações sociais e não ao das condutas e dos comportamentos. É necessário, todavia, desimplicar claramente as atitudes dos comportamentos racistas. Crenças, atitudes as opiniões racistas podem estar presentes nos espíritos dos indivíduos sem nunca serem objectivadas em condutas propriamente ditas.

Desde os anos trinta, com a pesquisa tornada célebre de Richard La Piere que sabemos que as relações entre atitudes e condutas racistas não são necessárias, nem previsíveis, nem evidentes, Como resume Pierre- André Taguieff,

Numerosos trabalhos estabeleceram que não existe uma relação causal (ligação necessária de causa-efeito) entre o racismo-preconceito (a esfera das opiniões, das atitudes, das crenças) e o racismo-comportamento (práticas de discriminação, de perseguição ou mesmo de extermínio), nem entre o racismo enquanto configuração ideológica (conjunto organizado de representações e crenças) e o racismo de perseguição ou de aniquilamento. Os comportamentos sociais dos racistas não podem, conseqüentemente ser previstos apenas a partir do conhecimento das atitudes ou das opiniões «racistas» (...). Esta desimplicação contraria claramente a opinião comum acerca do racismo que pressupõe como uma evidência indubitável que o preconceito «conduz necessariamente» ao acto, ou que o acto implica a presença de um preconceito ou de uma visão do mundo.⁷

Em segundo lugar, como refere o sociólogo Fernando Luís Machado, é possível apontar ao modelo apresentado o facto de incluir na «escala do racismo subtil», temas que só uma extrema amplificação do conceito de racismo poderia qualificar como indicadores de preconceito racial.⁸ Podemos, por exemplo, interrogar-nos acerca da incapacidade em exprimir emoções positivas relativamente a um determinado grupo

⁷ P.-A. Taguieff, « Les métamorphoses idéologiques du racisme et la crise de l'antiracisme », in P. A. Taguieff, *Face au racisme*, tome 2 « Analyse, hypothèses, perspectives », Paris, Seuil, coll. Points, 1993, p. 14-15.

⁸ F.L. Machado, « Os novos nomes do racismo : especificação ou inflação conceptual », *Sociologia, problemas e práticas* (33), 2000, p. 14.

constituir uma atitude racista. Tratar-se-á de racismo quando os membros de um grupo preferem as suas próprias características culturais às de um outro grupo e se referem de forma mais positiva aos seus próprios valores do que aos desse outro grupo?

Como continua a crítica de Machado, se perguntarmos às pessoas se a religião, a língua ou mesmo os valores transmitidos às crianças desta ou daquela minoria são muito parecidos ou muito diferentes dos da maioria, e se essas diferenças existirem de facto, as respostas obtidas não podem ser consideradas como sinónimos de preconceito racistas, mas apenas como indicadores de conhecimento ou desconhecimento de factos objectivos.⁹

Num terceiro momento, devemos interrogar-nos sobre o sentido da completa substituição «racismo flagrante» pelo «racismo subtil». Há muitas evidências que nos obrigam a relativizar o alcance destes enunciados, quer a minha própria pesquisa quer a de Machado demonstram que há muito pouco de «subtil» em muitas manifestações de racismo que são observáveis na sociedade portuguesa. A própria insistência científica no paradigma do «racismo subtil» tem como «efeito perverso» a ocultação das manifestações mais «flagrantes» do fenómeno. Segundo Machado,

A insistência tendencialmente exclusiva na temática do racismo subtil, nos termos em que tem sido veiculada especialmente pelos estudos de Thomas Pettigrew e pela sua réplica em Portugal, tem favorecido a generalização da ideia de que, hoje, todo ou quase todo o racismo é desse tipo, o que não deixa de contribuir para substimar e ocultar as suas manifestações mais abertas¹⁰

Não se trata de afirmar que as *atitudes* de racismo subtil, tal como elas são medidas pelos psicólogos sociais, não existam, trata-se de defender que estas não substituíram completamente os *comportamentos* de «racismo flagrante».

Finalmente, e sem querer pôr em causa o valor intrínseco do modelo de Pettigrew e Meertens, o sociólogo pode também, com toda a legitimidade, interrogar-se sobre o

⁹ *Ibid.*

¹⁰ F.L. Machado, « Contextos e percepções de racismo no quotidiano », *Sociologia, problemas e práticas* (36), 2001, p. 65.

sentido da evacuação do papel desempenhado pelas características sociais e históricas na produção e reprodução, não apenas dos preconceitos raciais, mas também dos comportamentos racistas. O que este modelo nos diz em termos globais é que as sociedades democráticas e igualitárias se tornaram genericamente democráticas e igualitárias. Isto é, que estas sociedades se tornaram formalmente anti-racistas e que a maior parte dos indivíduos se tornaram «anti-racistas flagrantes». O modelo demonstra, efectivamente que há uma perversão nas sociedades democráticas que os autores chamam «racismo subtil» o que não explicam são as especificidades próprias de cada sociedade democrática na produção e reprodução dos preconceitos e comportamentos racistas.

A abordagem do racismo pelo ângulo dos preconceitos e atitudes é essencial mas corre o risco de desviar o olhar das relações sociais onde este aparece e se desenvolve. De um ponto de vista estritamente sociológico, a distinção idealtípica diferencialismo / inferiorização parece bastante mais operatória do que a dicotomia racismo flagrante / racismo «subtil». Para compreender não apenas as formas mas sobretudo as origens sociais do racismo em Portugal é necessário utilizar a abordagem tipológica que foi apresentada e tentar reintroduzir a dimensão societal na análise. As condições que contribuem para a manutenção do racismo na sociedade portuguesa encontram-se ao mesmo tempo nas profundas mutações sociais que a atravessam, no tratamento político e institucional das minorias étnicas, bem com na herança cultural e ideológica do seu passado colonial.

3. Como se manifesta o racismo na sociedade Portuguesa

Através da observação da sociedade portuguesa, da análise da transcrição de entrevistas semi-directivas com os actores sociais que, duma forma ou de outra estão mais próximos do racismo «vivido» em Portugal - dirigentes das principais associações de imigrantes, das associações ciganas, das ONGs de combate ao racismo e de defesa dos direitos humanos, representantes das principais uniões sindicais, responsáveis políticos pela integração dos imigrantes e das minorias étnicas e cidadãos anónimos

nacionais e estrangeiros - bem como da leitura de outras fontes de informação, é possível defender que racismo, tal como é vivido e descrito pelas suas vítimas preferenciais e por aqueles que lhes são próximos, manifesta-se, em Portugal, precisamente através de duas dimensões que variam segundo o grupo vítima.

Por um lado, os imigrantes e os seus descendentes são sobretudo alvo de um racismo desigualitário, claramente urbano, explícito e subsidiário das visões do mundo herdadas do passado colonial. Neste caso, são a inferiorização e a discriminação em múltiplos domínios da vida social, eventualmente também a violência verbal, que constituem as principais manifestações desta forma de racismo. Por outro lado, os ciganos vêm-se como alvos de um racismo de características diferencialistas, essencialmente rural, que se concretiza na sua violenta rejeição e afastamento. São a segregação e o desejo de expulsão desta comunidade que são aqui preponderantes.

Porém, a realidade é sempre mais complexa do que a análise. Esta desmontagem idealtípica não significa que não existam situações híbridas. O racismo combina sempre, como vimos, as duas lógicas. Os ciganos, sobretudo nos meios urbanos, vêm-se profundamente discriminados no acesso ao emprego, à habitação, aos locais de lazer ou nas instituições públicas. Os imigrantes por seu turno são frequentemente confrontados com a expressão diferencialista: «volta para a tua terra». De qualquer forma, na maior parte dos casos, no que diz respeito aos imigrantes de origem africana não estamos em presença de um sentimento de rejeição ou de desejo de expulsão de uma categoria de pessoas consideradas como corpos estranhos à sociedade, mas do seu tratamento sistematicamente diferenciado. A expressão «volta para a tua terra» deve ser interpretada como um «põe-te no teu lugar». No que diz respeito aos ciganos estamos perante o fenómeno inverso, a discriminação de que são vítimas quotidianamente não releva de uma qualquer inferiorização racial mas de um diferencialismo radical, de um desejo de afastamento, de segregação que, nos casos limites, é objectivado na expulsão.

3.1 O racismo contra as populações de origem africana.

As manifestações de racismo relativamente às populações originadas pela imigração africana parece impregnar insidiosamente todos os domínios da vida social. Transversalmente à sociedade portuguesa, as populações de origem africana, não apenas são extremamente vulneráveis à pobreza e à exclusão social, como estão submetidas a uma discriminação quotidiana. Não se trata, salvo algumas excepções, de agressões físicas, de manifestações espectaculares de violência racista ou de perseguições brutais. As denúncias dos entrevistados visam sobretudo a discriminação nos domínios do emprego, na procura de alojamento, nos transportes públicos e nos locais de consumo e de lazer (supermercados, restaurantes, bares ou discotecas).

O racismo em Portugal existe como existe em qualquer parte do mundo. Eu acho que há uma grande preocupação dos portugueses em dizerem logo de antemão, logo a priori «eu não sou racista» ou «nós não somos racistas». Há dias lembro-me de estar a assistir a um programa de televisão, uma entrevista na RTP – África, onde a Diana Andringa [jornalista] dizia logo «nós os portugueses não somos racistas», ou «nós até não temos a cultura racista». Eu pessoalmente a essas pessoas só diria se querem trocar a minha pele pelo menos durante 24 horas ou durante 48 horas que é para verem se há ou não há racismo.(...) Quando eu digo que trocaria a minha pele por 24 horas, é porque as pessoas iriam sentir no seu dia a dia a questão do racismo; isto sem dúvida. (António Tavares, Associação de Defesa dos Angolanos)

A cor da pele desempenha um papel muito importante na maneira como as pessoas são tratadas. Isso vê-se essencialmente ao nível do trabalho e do alojamento. (...) Aparecem casos de pessoas que têm dificuldade em arrendarem uma casa por causa da cor da pele. Não vejo nas pessoas aquela lamentação de chegar aqui e dizer fui maltratado por ser desta cor, por ser estrangeiro, por ser isto ou aquilo. Não há esse tipo de atitude. O que há - e é por aí que nos conseguimos aperceber que há efectivamente um problema de racismo -, é quando a pessoa começa a explicar o seu problema e nós começamos a perceber que alguns dos obstáculos que a pessoa encontra são devido a factores de discriminação. (Pedro Tavares, Conselho Português para os Refugiados)

Hoje em Portugal, qualquer discussão entre um negro e um branco acaba sempre no racismo, porque praticamente foi oficializado fazer represálias

sobre o negro. É claro já se sabe como o português é... quando há um grupo de pretos a passar na rua há sempre alguém que manda uma boca. Eu estou no restaurante, se vejo que o prato não está bem confeccionado tenho de discutir, tenho de recamar e dizer: «Não, este prato não está bem!» O outro vem, discute comigo, começamos a discutir e quem não sabe [do motivo] da discussão diz: «Poça, esses pretos são todos...» É aí que começa o problema. Eu exijo o meu direito, mas se há um terceiro que não sabe o que é que se passa, mas quando me vê a discutir começa logo a dizer: «Esses pretos pá... não vale a pena...» (Emílio Frazão, Associação Amigos da Margem Sul)

O racismo manifesta-se no supermercado, na rua, no centro comercial, no dia-a-dia. Nota-se é flagrante. As atitudes de racismo no dia-a-dia. Por exemplo, aqui à volta à um bairro de casa compradas. Se roubaram um carro, a reacção mais imediata é: «foram os pretos». É a primeira reacção. No entanto, há dias assaltaram 5 ou 6 Fiat Uno e a reacção foi: «foram os pretos». E alguém disse: «Não, não, não eu vi um homem branco de fato, com um pé de cabra na mão e chamei a polícia» A polícia só veio eram já 5 da manhã e já não apanhou o homem. Mas não tinha nada a ver com a Quinta do Mocho. Mas a primeira reacção é: «foram os pretos». (Olga, Associação Viver no Mundo)

Alugar um apartamento ou um quarto «normais» é uma tarefa extremamente difícil para os indivíduos de origem africana. Quando se apercebem que o eventual locatário é africano ou de origem africana, os proprietários sobem imediatamente os preços ou afirmam que o alojamento já está alugado. Outros assumem mesmo que não alugam nem vendem a «negros» porque estes «desvalorizam os apartamentos». Este tipo de condutas torna, naturalmente, muito difícil a saída dos actores sociais das zonas de alojamento precário onde se fixaram no início dos processos migratórios. Estes tornam-se prisioneiros de uma situação social da qual a fuga é quase impossível.

Existe racismo na sociedade portuguesa que tem muito a ver com a discriminação em termos de igualdade de oportunidades no emprego em termos sociais de acesso a serviços e de acesso a bens, para além daquele racismo mais típico, das ofensas e das agressões verbais. Tem muito mais a ver com essa discriminação... coisas tão simples como sejam - nós notamos isso muitas vezes no aluguer de quartos para vítimas de origem

africana – se são de determinada cor de pele não alugam ou alugam mais facilmente. Tem mais a ver com esse racismo encapotado e não propriamente de desfiles de fardas castanhas nas ruas. (João Lázaro, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)

Os comportamentos de grande parte dos portugueses relativamente às populações com origem na imigração africana, nomeadamente dos jovens, é marcada pela negatividade em todos os domínios da vida social.

Eu tenho um exemplo flagrante, de um miúdo que mora lá ao pé de mim, um jogador, jogou no Benfica. Esteve lá um bom bocado a jogar e, um dia, desaparecem relógios, carteiras e não sei mais o quê do balneário. Durante o treino dos juniores. Alguém mandou logo uma boca: «É o fulano de tal porque é do Vale da Amoreira e é preto etc». E correram com o miúdo do Benfica. Esse miúdo, por sorte, foi para o Estrela da Amadora. Um dia foram jogar contra o Benfica e ganharam 2-0 com dois golos dele e houve alguém da direcção do Benfica que lá estava que perguntou: «Epá quem é esse puto?». «- Ah era nosso mas foi-se embora». Mas não lhe contaram a história. Está a ver, cor da pele, o bairro onde mora... e isto tudo trás uma certa revolta na juventude. (Emílio Frazão, Associação Amigos da Margem Sul)

Eu já estou tão cansada com as cenas de racismo que há entre eles que se eu for apontar todas as que eu já passei com eles... é todos os dias tenho uma cena esquisita. Não há dia nenhum que não haja, ou na padaria, ou no café, ou não sei onde... ou quando vou à praia com eles (...). E em relação ao racismo são tantos exemplos, no centro de emprego... às vezes as coisas estão todas a correr bem de repente há não sei o quê («Ah, tinham que ser os pretos»). Pequenas coisas... eles têm de aprender a viver com elas... Nas escolas, ou onde quer que seja, é sempre a mesma coisa não há nunca uma palavra de incentivo; nunca se começa [uma conversa] por um elogio; É sempre o negativo, sempre o negativo. Não há nunca uma coisa positiva: nem que sabem fazer bem as tranças, nem que sabem dançar nem têm um cabelo bonito, ou que sabem fazer não sei quê... Nada! São sempre burros, são sempre estúpidos, são sempre feios, são sempre porcos, cheiram sempre mal, não têm os livros arranjados etc. (Maria João Marques, Associação Unidos de Cabo Verde)

Os imigrantes de origem africana e os seus descendentes vivem uma espécie de exigência de invisibilidade na sociedade que é compatível com a lógica de racização desigualitária, eles fazem efectivamente parte da esfera produtiva mas, de preferência, em posições afastadas dos olhares e do convívio.

Os empregos para os negros em Portugal resumem-se a duas ou três áreas. Para os homens a construção civil, para as mulheres empregadas de limpeza ou trabalhar nos restaurantes. Porque são sítios que não são visíveis e isto permanece. Se nos perguntarmos onde é que estão os negros que estudaram nas universidades? Porque há muitos negros a estudar, mas eles não estão em lado nenhum! Mas continuam a trabalhar nos restaurantes ou na construção civil. (António Tavares, Associação de Defesa dos Angolanos, Lisboa)

Um dos exemplos que eu posso dar de racismo em termos de trabalho, é que eu tinha respondido a um anúncio, tinha uns 17 ou 18 anos, para transportar móveis, era um transporte de móveis em que eu seria ajudante, quando telefonei disseram-me que sim, que estavam a precisar e quando lá cheguei a pessoa que me atendeu disse que não me podia aceitar porque que se tratava de transportar móveis para a casa das pessoas e que eu sendo negro poderia afugentar a clientela. (António Tavares, Associação de Defesa dos Angolanos, Lisboa)

Se formos a determinados sítios que normalmente não são frequentados por negros, nós sentimos o problema do racismo; ou então muitas vezes dizem-nos «são jogadores de futebol»; porque há determinados sítios que só são frequentados por jogadores de futebol porque têm dinheiro... (António Tavares, Associação de Defesa dos Angolanos, Lisboa)

Os resultados da investigação de Fernando Luís Machado coincidem com os testemunhos aqui apresentados. Segundo a pesquisa por questionário conduzida por este autor junto de imigrantes guineenses, é nos «transportes», na «procura de trabalho» e no «local de trabalho» que as percepções de racismo são mais fortes. A análise deste autor sobre as percepções de racismo demonstra bem as dimensões simultaneamente quotidianas e flagrantes do racismo contra as populações com origem na imigração africana que está presente na sociedade portuguesa,

(...) estamos perante uma manifestação de racismo que, como outras a seguir apresentadas, nada tem de subtil, assumindo, pelo contrário, uma forma aberta e primária. é o tipo de episódio que podia ter-se passado noutro espaço público qualquer, mas que parece ser potenciado pelas características simultâneas de proximidade, de anonimato e visibilidade de comportamentos que os transportes públicos, especialmente os autocarros encerram.¹¹

Uma vez que não existem organizações políticas de tipo nacional-populista de contornos racistas - à excepção da acção de alguns grupúsculos de *skinheads* cujos discursos e práticas continuam a ser muito marginais -, mais do que manifestações violentas, assédio, motins raciais, discursos políticos e publicações anti-imigrantes, observa-se em Portugal, quer um racismo «popular» que por vezes é explícito e verbalizado, quer o que a sociologia do racismo tem vindo a designar por «racismo sistémico» ou «racismo institucional». Uma forma de discriminação que está inscrita no funcionamento da sociedade e se reproduz através dos comportamentos dos indivíduos.

Quando mandam um fax ou um mail para pedir trabalhadores, normalmente não dizem se querem uma pessoa branca ou... mas depois telefono e digo: «Olhe eu tenho aqui uma pessoa africana». E aí dizem-me logo: «Ai não, africano não!» Então para empregadas domésticas é raro aceitarem uma pessoa que não seja branca. Isto atinge principalmente as mulheres porque vão para casa das pessoas. Nas obras tenho a impressão que se sente menos. Não se importam tanto porque é mais um trabalhador. Às vezes dizem explicitamente: «Não quero uma africana» outras vezes dizem: «Ah eu prefiro dos países de Leste.» Houve uma altura em que tentava arranjar casa... quartos para pessoas [refugiadas] - e fui insultada muitas vezes, muitas vezes porque estava a tentar arranjar quarto para uma pessoa de cor, para um negro. (Isabel Sales, Conselho Português para os Refugiados)

O racismo contra os imigrantes de origem africana e seus descendentes obedece claramente à lógica de racização desigualitária cujas fontes se podem encontrar no passado colonial do país e nas visões do mundo herdadas desse mesmo passado. A

¹¹ F.L. Machado, « Contextos e percepções de racismo no quotidiano », *Sociologia, problemas e práticas* (36), 2001, p. 59.

representação contemporânea do imigrante africano deve ainda muito à do «negro» colonizado. A inferiorização com base nos marcadores «raciais» (como a cor da pele) e o paternalismo típicos das relações sociais coloniais continuam presentes na sociedade portuguesa.

É evidente que o racismo português a ver com uma atitude de um certo paternalismo. Portugal foi um país colonizador e é evidente que na relação com os africanos havia sempre uma certa dose de paternalismo. Ver o outro como igual às vezes não é fácil, a sociedade não está ainda preparada a 100% para isso e isso manifesta-se em muitas situações. (António Veiga, Associação Guineense de Solidariedade Social)

O racismo vivido pelas suas principais vítimas ou presenciado por aqueles que lhes estão próximos tem, pois, muito pouco de subtil. O tratamento sistematicamente diferenciado, a inferiorização verbalizada ou não, as ofensas, constituem a regra e não a excepção no quotidiano das populações originadas pela imigração africana. A cor da pele continua ser uma marca de «inferioridade» e a desempenhar um papel preponderante nas relações entre portugueses e indivíduos de origem africana.

3.2 O racismo contra os ciganos

As condutas e comportamentos relativamente aos ciganos demonstram claramente que a questão do racismo na sociedade portuguesa não pode ser reduzida à questão migratória. Existe efectivamente em Portugal, como noutros países europeus, uma verdadeira «questão cigana».¹² Os ciganos são ignorados, rejeitados e excluídos de qualquer participação na sociedade.

Em 1996, em Oleiros, uma aldeia do norte do país, uma milícia popular apoiada por autarcas locais expulsou violentamente uma pequena comunidade de ciganos. Este incidente foi fortemente mediatizado, o que rapidamente deu origem a acontecimentos semelhantes noutras localidades, nomeadamente em Cervães, Cabanelas e Vila Verde. Em

¹² F.L. Machado, « Contextos e percepções de racismo no quotidiano », *Sociologia, problemas e práticas* (36), 2001, p. 55.

1997, em Montemor-o-Novo, algumas crianças ciganas foram, sem razão aparente, expulsas da escola primária e impedidas do contacto com as outras crianças. Durante os anos noventa, um pouco por todo o lado, em Portugal, as populações não-ciganas reagiram, mais ou menos violentamente, contra o alojamento de famílias ciganas na sua vizinhança. No Verão de 2003 o Presidente da Câmara de Faro fez publicar um edital que ameaçava de expulsão do Conselho todas as famílias ciganas aí instaladas.

Os ciganos são actualmente percebidos como inassimiláveis pela sociedade, como «corpos estranhos» que atentam contra uma suposta harmonia e segurança das colectividades. Segundo o Grupo de Trabalho para a Igualdade e Inserção dos Ciganos, «nalgumas zonas, os ciganos não são vistos como pessoas, mas como a personificação do mal ou como indesejáveis que é preciso afastar sem olhar a meios ou a consequências»¹³

Os comportamentos racistas de que os ciganos são vítimas relevam de uma lógica inteiramente diferente dos que atingem as populações originadas pela imigração africana, mas também aqui, há muito pouco de subtil nas manifestações de racismo dos portugueses. Os testemunhos dos entrevistados, bem como outras fontes de informação, confirmam essa rejeição generalizada e flagrante.

[O racismo] é muito diferente. Aos ciganos ignoram-nos mais, enquanto a uma pessoa de cor se calhar ainda pensam duas ou três vezes. Ao cigano não dão oportunidade de se manifestar porque o ignoram. Enquanto as pessoas originárias das ex-colónias [...] estão muito assimiladas na sociedade e ao estarem assimiladas estão controladas, a comunidade cigana continua a fugir... (Bruno Gonçalves, Associação Recreativa e Cultural Cigana, Coimbra)

Os ciganos são completamente ignorados, nem os deixam participar, nem lhes dão oportunidades, talvez o africano, como trabalha, sempre é mais importante que o cigano. As pessoas têm tendência para achar que todos os ciganos são ladrões; mas agora já pensam: «espera lá que eu estou a ter um comportamento discriminatório»; então em vez de dizerem «os ciganos são ladrões» dizem «os ciganos aproveitam-se do Estado». Agora com o rendimento mínimo... as primeiras coisas que as pessoas

¹³ Relatório do Grupo de Trabalho Para a Igualdade e Inserção dos Ciganos, p. 13. <http://acime.gov.pt>

dizem é «os ciganos hoje em dia só vivem do rendimento mínimo, não fazem nada não ajudam os seus filhos na escola, nada, só querem aproveitar-se do rendimento mínimo». É a nova atitude dos portugueses. (Mónica Frechaut, Centro Cultural Africano, Setúbal)

O cigano é um povo igual aos outros com vontade de trabalhar, tem vontade de estudar só não lhe dão uma chance. Não valorizam o cigano. Nós continuamos nesta vida porque não temos oportunidades para evoluir. Um cigano é sempre um cigano. (Paulo, Oficinas Romani, Oeiras)

Os ciganos têm um modo de vida típico. É uma comunidade que não gosta de abdicar da identidade que tem e que vive, normalmente, - nem sempre porque eles queiram - em grupos. O racismo em Portugal é ao nível da expulsão desses grupos. O africano está mais diluído na sociedade e é uma pessoa que se adapta melhor ao modo de vida maioritário, portanto o racismo é diferente. (Elsa Sertório, Associação Olho Vivo, Lisboa)

Nos meios urbanos, para além de segregados espacialmente os ciganos são também vítimas de uma forte discriminação em praticamente todos os domínios. Nem nas repartições públicas são tratados enquanto cidadãos. E não se trata aqui de comportamentos discriminatórios provenientes de uma lógica que concede aos grupos desprezados um lugar na sociedade ainda que um lugar também desprezado. O tratamento quotidiano ao qual os ciganos são submetidos tem como objectivo o seu completo afastamento da vida em sociedade, o seu apagamento enquanto cidadãos.

O meu irmão foi trabalhar para um armazém e no mesmo dia em que souberam que ele era cigano, despediram-no. Só trabalhou um dia. Só pela maneira de falar descobriram que ele era cigano. E eu digo-lhe uma coisa, para muitos empregos temos que dizer que não somos ciganos. (Anabela Abreu, Associação Raízes Calé, Lisboa)

Há mais racismo dos não ciganos contra os ciganos em determinados aspectos do que contra – suponhamos - os negros, porque, repare em qualquer estabelecimento há uma pessoa negra empregada. Nesse aspecto são mais racistas com os ciganos. Se eu for pedir emprego em determinado estabelecimento, assim que olham para mim dizem-me logo que está a vaga preenchida. Isso até já se passou com um filho meu. O miúdo estava inscrito no centro de emprego e houve uma chamada para balconista num café, o meu filho apresentou-se no local – o meu filho que

até, por acaso, é um miúdo que de cigano realmente tem o nome com muito orgulho mas que de aspecto passa muito bem por não cigano – mas o senhor detectou que ele era cigano e disse-lhe que o lugar já estava preenchido. Portanto nota-se perfeitamente aí que há racismo. Nesse aspecto o racismo é mais contra os ciganos. Em todos os tipos estabelecimentos o senhor encontra uma pessoa negra e ciganos não encontra por muito que eles batalhem para obter esses lugares e por muitas qualidades que eles tenham. (Olga Mariano, Associação de Mulheres Ciganas Portuguesas)

Eu estava a trabalhar como monitora de corte e costura na Pastoral dos Ciganos. E fui ali a uma loja de electrodomésticos e disse assim ao senhor - «Eu venho comprar uma televisão, mas não tenho dinheiro para pagar a pronto tem de ser a prestações».

- «Tem[a declaração de] IRS?».

-«Tenho sim».

-«Então mostre-me».

E eu mostrei-lhe o IRS».

- «E o seu Bilhete de Identidade?»

-«E eu mostrei-lhe o Bilhete de Identidade».

E ele diz assim para mim:

-«Eu vou-lhe dizer uma coisa: as pessoas que vendem a crédito não dão crédito nem a pretos nem a ciganos!»

E eu disse-lhe:

-«O quê? Eu tenho os meus papeis todos em ordem, eu estou a dar-lhe os meus papeis todos em ordem. Você não tem desculpa para não me dar o crédito. Porque é que não me dá o crédito?»

-«É muito raro ser aceite um preto ou um cigano». E de repente vem uma menina a entrar na loja e a menina era de raça negra e eu disse-lhe assim:

-«Se vens comprar alguma coisa a pronto, não compres aqui porque eles não dão crédito nem a pretos nem a ciganos».

Ela ficou assim um bocado coisa e foi-se embora da loja. E depois ele disse-me assim:

-«Quer-me estragar o negócio?» (Anabela Abreu, Associação Raízes Calé, Lisboa)

Estavam montes de pessoas, o supermercado estava cheio e a única cigana era eu. Nós estávamos na caixa e vem um senhor a correr e vem ter connosco ao nosso carro e disse assim:

-«Viram para aqui a minha carteira?»

A senhora da caixa disse-lhe:

- «O senhor não pode passar por aqui».

-«Não vou passar, vou só aqui a este carro».
-«Este carro é meu!» Disse eu e ele disse assim:
-«É que me falta a minha carteira». E eu disse:
-«Ah! Está certo estão aqui tantos carros e só o meu é que podia ter a sua carteira porque eu sou a cigana!»
Nota-se muito o racismo (Maria, vendedora ambulante, Lisboa)

As fontes do racismo de pendor mais claramente diferencialista - e também mais claramente flagrante - de que os ciganos são vítimas encontram-se em três níveis intimamente ligados. Nos ancestrais preconceitos de que têm sido objecto ao longo dos tempos, nas mutações a que foram submetidos os seus próprios modos de vida e nas transformações sofridas pela sociedade portuguesa.

Por um lado, numa sociedade que se moderniza e se «desruraliza» as actividades a que os ciganos tradicionalmente se dedicavam e as funções sociais que cumpriam – o comércio ambulante de objectos, vestuário ou animais – não apenas entram em declínio como são mal vistas ou mesmo proibidas. As alternativas que se lhes apresentam não são muitas: a sedentarização e assimilação ou o ingresso na economia paralela e, eventualmente, no tráfico. Se a primeira alternativa é dificultada por muitos factores, onde se incluem os preconceitos herdados do passado e um certo afastamento voluntário que cumpre propósitos identitários, a segunda parece ter alimentado o pensamento essencialista de muitos portugueses: de repente, todos os ciganos apareceram como a encarnação daquele que é percebido como o principal mal da modernidade: a droga. Por outro lado, as origens desta rejeição diferencialista, parecem poder encontrar-se nas mutações do mundo rural e na sua desestruturação; num sentimento de crise e de perda da identidade tradicional camponesa, ainda não completamente substituído por uma identidade moderna burguesa.

Os ciganos que se sedentizam nas cidades e vilas, que são instalados em bairros de habitação social ou que acampam de um modo mais ou menos definitivo nos arredores das aldeias são percebidos como uma ameaça simbólica aos estatuto recentemente obtido pelos não ciganos; eles aparecem como simbolicamente poluentes, degradam os lugares pela sua simples presença. Os ciganos representam o passado de

onde se saiu e que se quer esquecer: a miséria, a sujidade, a exclusão, a precaridade ou a marginalidade.

A presença dos ciganos nos terrenos limítrofes das aldeias e vilas, nos bairros de habitação social, nas escolas, ou no trabalho é recusada em virtude da ambiguidade daquilo que eles passaram a representar para o resto da população. Os ciganos simbolizam, simultaneamente, o que a sociedade não quer da tradição: a exclusão, a pobreza, o analfabetismo, a ruralidade, a dureza da vida e a sua precaridade, e aquilo que não quer da modernidade: o anonimato das relações sociais, a igualdade de estatutos, a insegurança ou a criminalidade. É esta ambiguidade simbólica que os transforma no bode expiatório ideal e no objecto privilegiado de um perigoso diferencialismo que preconiza e põe em acto a sua expulsão.

Considerações finais

As manifestações de racismo - independentemente do que pensa a maioria dos portugueses, não estão ausentes das relações entre os portugueses e as diversas minorias étnicas presentes no território nacional. Pelo contrário, diversas pesquisas puderam concluir que os comportamentos racistas na sua vertente mais flagrante fazem parte do quotidiano de muitos cidadãos nacionais ou estrangeiros. As principais vítimas do racismo em Portugal são, inegavelmente, os imigrantes de origem africana e os seus descendentes, bem como as pequenas comunidades ciganas que aqui habitam. Mas estas duas colectividades não são vítimas do mesmo tipo de racismo. Enquanto racismo contra as populações originadas pela imigração africana obedece à lógica de racização desigualitária cujas origens se encontram nas ideologias recebidas do passado colonial do país, o racismo de que os ciganos são vítimas obedece à lógica diferencialista ou de exclusão cujas fontes são constituídas quer pela dissolução dos seus modos de vida tradicionais quer pelas mutações recentes sofridas pela sociedade portuguesa.

A análise das lógicas a que obedecem estes fenómenos - de que aqui deixei apenas um rápido esboço - é imprescindível quer ao nível da compreensão científica destes processos quer ao nível do seu combate político. É na denuncia implacável dos

afastamentos aos princípios da igualdade cívica, jurídica e política de todos os indivíduos e na concretização de políticas que fomentem a real participação de todos na vida colectiva que se pode, senão eliminar, pelo menos reduzir à mínima expressão, as paixões racistas dos homens.